

J.L. AUSTIN

# QUANDO DIZER É FAZER

PALAVRAS E AÇÃO

Tradução e apresentação à edição brasileira:  
Prof. DANILO MARCONDES DE SOUZA FILHO

A936q Austin, John Langshaw  
Quando dizer é fazer. / John Langshaw Austin; Trad. de Danilo  
Marcondes de Souza Filho. / Porto Alegre: Artes Médicas: 1990.  
136p.

CDU:800.1

Índices para o catálogo sistemático:

Filosofia da linguagem

800.1

Ficha catalográfica elaborada pela Bibl. Carla P. de M. Pires CRB 10/753



ARTES  
MÉDICAS

PORTO ALEGRE / 1990

Publicado originalmente em inglês sob o título  
HOW TO DO THINGS WITH WORDS  
© Copyright 1962, 1975 by the President and  
Fellows of Harvard College.

Capa:  
Mário Röhmet

Supervisão editorial:



Rua 13 de Maio, 468 - tel. (051) 222.6223 - caixa de m.p. 18

Reservados todos os direitos de publicação à  
EDITORA ARTES MÉDICAS SUL LTDA.  
Av. Jerônimo de Ornelas, 670 - Fones: 30.3444 e 30.2378  
90040 - Porto Alegre, RS, Brasil

LOJA-CENTRO  
Rua General Vitorino, 277 - Fone: 25.8143  
90020 - Porto Alegre - RS, Brasil

IMPRESSO NO BRASIL  
PRINTED IN BRAZIL

## Sumário

Apresentação .....	7
Prefácio .....	18
<i>Conferências:</i>	
I - Performativos e Constatativos .....	21
II - Condições para Performativos Felizes .....	29
III - Infelicidades: Desacertos .....	38
IV - Infelicidades: Maus usos .....	47
V - Critérios Possíveis de Performativos .....	57
VI - Performativos Explícitos .....	66
VII - Verbos Performativos Explícitos .....	77
VIII - Atos Locucionários, Illocucionários e Perlocucionários .....	85
IX - Distinção entre Atos Illocucionários e Perlocucionários .....	95
X - "Ao dizer..." versus "Por dizer..." .....	103
XI - Declarações, Performativos e Força Illocucionária .....	111
XII - Classes de Força Illocucionária .....	121
Apêndice .....	133

# Apresentação

A FILOSOFIA DA LINGUAGEM DE J. L. AUSTIN

Danilo Marcondes de Souza Filho

Esta apresentação não pretende ser uma síntese do pensamento filosófico de Austin em geral, ou mesmo das idéias desenvolvidas na presente obra em particular, já que seria impossível superar, em rigor e concisão, a apresentação do próprio autor. Meu objetivo é, antes, situar a teoria dos atos de fala dentro da chamada “virada lingüística”, característica de grande parte da atividade filosófica de nosso século, bem como traçar o percurso desta teoria, desde sua gênese – em sua motivação filosófica inicial, explicitando os elementos fundamentais do método proposto e empregado por Austin – até as teses por ele defendidas na presente obra.

O projeto filosófico da teoria dos atos de fala, tal como foi inicialmente proposto por Austin, insere-se na tradição britânica da filosofia analítica, inaugurada por G. E. Moore, B. Russell e L. Wittgenstein nas primeiras décadas de nosso século. Nesse momento, a filosofia analítica surge como uma dupla reação às correntes de pensamento filosófico então dominantes na Grã-Bretanha ao final do século passado: o *idealismo absoluto* de F. H. Bradley e T. H. Green e o *empirismo*, influenciado sobretudo por J. S. Mill. Bradley e Green, dentre outros, sustentavam não só a identificação da realidade com a totalidade, mas também a necessidade de a consciência reconhecer-se como parte do Absoluto. Já o empirismo psicologista e subjetivista reduzia a realidade à experiência psicológica do sujeito empírico. A filosofia analítica, em seus primórdios, com Moore e Russell, vai partir de uma concepção *realista*, mantendo que a principal tarefa da filosofia é realizar um processo de clari-

ficação ou elucidação dos elementos centrais de nossa experiência. Esta elucidação se dá não através de um método especulativo ou introspectivo, mas mediante a análise da forma lógica das sentenças em que nosso conhecimento, crenças e opiniões sobre o real se expressam e nossa experiência se articula.

A questão central da investigação filosófica passa a ser então: como pode uma sentença ter significado? A problemática da consciência dá, assim, lugar à problemática da linguagem, e o conceito de representação, ponto central da tradição anterior, é substituído pelo conceito de significado.

Podemos, portanto, considerar que dentro da corrente analítica, que então se inaugura, a tarefa filosófica se desdobra nas duas seguintes atividades: por um lado, analisar a sentença, buscando estabelecer sua forma lógica e seus elementos constitutivos; por outro, reinvestigar os problemas filosóficos tradicionais em teoria do conhecimento, teoria da percepção, ética, etc., através da análise lingüística dos conceitos centrais destas áreas e do uso dos mesmos na linguagem ordinária. Tal análise visa obter um esclarecimento do sentido destes conceitos, estabelecendo novas distinções, explicitando articulações até então não reconhecidas, elucidando obscuridades, etc. Ambas as práticas encontram-se em Russell e Moore, os iniciadores da filosofia analítica na tradição britânica.

A primeira tarefa a que acima nos referimos dá origem ao que se pode chamar, em um sentido estrito, de filosofia da linguagem: uma teoria filosófica sobre a natureza e estrutura da linguagem, examinando noções como termo e proposição, sentido e referência, nomes próprios e predicativos, verdade, etc., que virão a ser os conceitos-chave desta teoria da linguagem.

A segunda tarefa da filosofia será desenvolvida pela corrente conhecida por vezes como filosofia da linguagem ordinária, filosofia lingüística ou, ainda, Escola de Oxford. Austin pode ser considerado um dos principais representantes desta tendência. Muitos de seus mais importantes trabalhos como *A Plea for Excuses*, *Other Minds*, *Three Ways of Spilling Ink* e *Sense and Sensibilia* se caracterizam por suas discussões, de grande sutileza e penetração, de certos problemas centrais da tradição filosófica, como responsabilidade e ação, percepção e conhecimento, etc. Todas estas discussões são desenvolvidas através do método que acima denominamos análise filosófica da linguagem ordinária, que Austin julgava ser capaz de clarificar e desmistificar estes problemas tradicionais, situando-os em um plano menos abstrato, genérico e formal e, por conseguinte, tornando possível uma análise e com-

preensão destes problemas sem recurso a pressupostos metafísicos tradicionais que, inevitavelmente, gerariam novos problemas e novas discussões.

Para ilustrar o método de análise austiano bastaria aqui reconstruirmos sua elucidação de um problema dos mais importantes da ética, a questão da responsabilidade que decorre de uma ação. Esta análise encontra-se no que é talvez seu trabalho mais elaborado no gênero, *A Plea for Excuses*. Pelo procedimento que Austin estabelece, em lugar de partir de noções abstratas oriundas de uma teoria ética ou de conceitos muito amplos como responsabilidade, ação, vontade, etc., toma como ponto de partida a análise de advérbios como "voluntariamente", "deliberadamente", "acidentalmente", "inadvertidamente" e outros congêneres, exatamente por serem, enquanto advérbios, palavras que qualificam ou determinam o termo "ação". E a razão de assim proceder radica-se no fato de as condições de possibilidade de emprego destes termos revelarem as circunstâncias que permitem ao falante usá-los para justificar, desculpar ou eximir-se da responsabilidade de seu ato.

Neste tipo de análise encontramos o germe de uma de suas concepções mais originais, desenvolvida no presente livro, segundo a qual "minha palavra é meu penhor", o que faz com que se considere o ato de fala, a interação comunicativa propriamente dita, como tendo um caráter contratual ou de compromisso entre partes.

Nesta sua análise, Austin recorre a uma série de exemplos tirados não só da prática cotidiana do uso lingüístico, como também de processos criminais em que alguém foi ou não responsabilizado por uma ação, e ainda de situações imaginárias e fictícias. O método de Austin revela, pelo recurso a exemplos, seu interesse pelas regras de uso da linguagem, pelo que se pode ou não dizer, enfim pela "gramática". A finalidade da análise não é, está claro, empírica. O recurso a exemplos, reais ou imaginários, é apenas uma forma de tornar a reflexão mais concreta, mais precisa, mais próxima de nossa experiência de falantes, apoiando-se no caráter intersubjetivo da linguagem e assim fazendo com que suas conclusões tenham a ver mais diretamente com nosso universo de discurso e nossa prática cotidiana.

Assim, todo problema filosófico fica sistematicamente restrito a um "campo semântico" bem delimitado, no contexto do qual o uso de certas expressões deve ser examinado, levando-se em conta quando, como, por que e por quem determinadas expressões podem ser usadas e outras não. Em função deste procedimento elaboram-se distinções ou aproximações e estabelecem-se as características básicas de possibilidade de seu uso, que fornecem os elementos para a determinação do significado e conseqüentemente para o esclarecimento ou elucidação dos termos. Este esclarecimento, contudo,

sempre deve ser considerado provisório. Não há soluções definitivas em filosofia, uma vez que as mesmas questões sempre podem ser retomadas e reexaminadas sob novos ângulos, seja pelo estabelecimento de novas relações, seja pela consideração de outros aspectos do uso até então não examinados.

Neste método de análise, a necessidade de se levar em conta o contexto de uso das expressões e os elementos constitutivos deste contexto indica claramente que a linguagem não deve ser considerada em abstrato, em sua estrutura formal apenas, mas sempre em relação a uma situação em que faz sentido o uso de tal expressão. Desta forma superam-se as barreiras entre linguagem e mundo, entre o sistema de signos sintaticamente ordenados e a realidade externa a ser representada. Segundo Austin,

quando examinamos o que se deve dizer e quando se deve fazê-lo, que palavras devemos usar em determinadas situações, não estamos examinando simplesmente palavras (ou seus "significados" ou seja lá o que isto for) mas sobretudo a realidade sobre a qual falamos ao usar estas palavras – usamos uma consciência mais aguçada das palavras para aguçar nossa percepção (...) dos fenômenos.

*Philosophical Papers*, p. 182

Podemos afirmar, então, que quando analisamos a linguagem nossa finalidade não é apenas analisar a linguagem enquanto tal, mas investigar o contexto social e cultural no qual é usada, as práticas sociais, os paradigmas e valores, a "racionalidade", enfim, desta comunidade, elementos estes dos quais a linguagem é indissociável. A linguagem é uma prática social concreta e como tal deve ser analisada. Não há mais uma separação radical entre "linguagem" e "mundo", porque o que consideramos a "realidade" é constituído exatamente pela linguagem que adquirimos e empregamos.

Duas são as conseqüências básicas desta nova visão proposta por Austin. Surge um novo paradigma teórico que considera a linguagem como ação, como forma de atuação sobre o real, e portanto de constituição do real, e não meramente de representação ou correspondência com a realidade. Em decorrência, dá-se a passagem para um segundo plano do conceito de verdade, conceito central da semântica clássica, já que corresponde precisamente à garantia de adequação entre linguagem e realidade, em seu aspecto tanto lógico como epistemológico. A verdade é substituída agora pelo conceito de eficácia do ato, de sua "felicidade", de suas condições de sucesso, e também pela dimensão moral do compromisso assumido na interação comunicativa, sempre enfatizado por Austin.

O ponto central da concepção de Austin e sua principal contribuição à filosofia da linguagem parece-me ser a idéia de que a linguagem deve ser tratada essencialmente como uma forma de ação e não de representação da realidade. O significado de uma sentença não pode ser estabelecido através da análise de seus elementos constituintes, da contribuição do sentido e da referência das partes ao todo da sentença, como quer a tradição inspirada em Frege, Russell e Moore, mas, ao contrário, são as condições de uso da sentença que determinam seu significado. Na verdade, o conceito mesmo de significado se dissolve, dando lugar a uma concepção de linguagem como um complexo que envolve elementos do contexto, convenções de uso e intenções dos falantes. As condições de realização do ato de fala apresentadas por Austin na I Conferência da presente obra explicitam exatamente estas características: a investigação filosófica da linguagem deve realizar-se com base não em uma teoria do significado, mas em uma teoria da ação.

Como se vê, as primeiras contribuições de Austin à filosofia se encontram na linha da assim chamada filosofia da linguagem ordinária, cuja proposta é muito mais metodológica do que doutrinária ou sistemática. Trata-se, como foi dito, de realizar uma reflexão sobre os problemas tradicionais da filosofia mediante uma análise conceitual, similar, sob certo ponto de vista, ao método socrático, só que interpretando o conceito como expressão lingüística e não como entidade mental ou objeto lógico, e procurando elucidá-la – isto é, estabelecer sua definição ou significado – a partir das condições de uso desta expressão. Não se encontra, entretanto, nestes primeiros trabalhos, uma preocupação em fundamentar teoricamente estas "análises conceituais", nem em elaborá-las mais sistematicamente, já que é próprio ao método o caráter provisório e relativo da elucidação obtida.

Este tipo de análise, contudo, levou Austin a refletir sobre a própria natureza da linguagem, objeto da análise filosófica. Partimos então de uma preocupação com o significado de determinados termos e expressões lingüísticas e passamos a investigar como a linguagem tem significado. Tanto do ponto de vista da análise da linguagem ordinária, quanto do ponto de vista de uma teoria sobre a linguagem, a visão de Austin é sempre orientada pela consideração da linguagem a partir de seu uso, ou seja, da linguagem como forma de ação. Uma das principais conseqüências desta nova concepção de linguagem consiste no fato de a análise da sentença dar lugar à análise do ato de fala, do uso da linguagem em um determinado contexto, com uma determinada finalidade e de acordo com certas normas e convenções. O que se analisa agora não é mais a estrutura da sentença com seus elementos constitutivos, isto é, o nome e o predicado, ou o sentido e a referência, mas

as condições sob as quais o uso de determinadas expressões linguísticas produzem certos efeitos e conseqüências em uma dada situação.

Já em 1946, em sua conferência *Outras Mentes*, Austin criticava o que considerava a "falácia descritiva", cometida por certos filósofos. Sentenças do tipo "Eu sei que...", devido à sua forma declarativa, parecem ser descrições de fatos. O filósofo, em sua análise, é então levado a buscar os fatos e situações que tornam tais sentenças verdadeiras. Passa a tratá-las, assim, como descrições de um ato mental do falante, que seria a cognição, pertencendo à mesma categoria da crença e da certeza, porém superior a estas. Austin vê nisso a causa da confusão e do equívoco que caracterizariam a "falácia descritiva". Propõe, ao contrário, que se considere a expressão "Eu sei que..." do mesmo modo que "Eu prometo...". Seriam expressões usadas não para descrever ou relatar algo, mas para *fazer* algo, para realizar um ato. Por isso ele as chama de expressões *performativas*, aquelas que, ao serem usadas em determinadas sentenças, constituem "proferimentos performativos". Os proferimentos performativos, exatamente por serem atos realizados, não estão sujeitos à verdade ou à falsidade, mas a "condições de felicidade", que explicam seu sucesso ou insucesso. Portanto, a análise destas sentenças não pode ser feita adequadamente através da Semântica Clássica, que se baseia na determinação das condições de verdade da sentença, mas, sim, através de um novo tipo de análise que Austin começa a desenvolver então e que culminará na teoria dos atos de fala.

Os primeiros trabalhos que começam a tematizar mais teoricamente a questão da natureza da linguagem e do significado são *How to Talk* (1953-4), *Performative Utterances* (1956) e a conferência apresentada no Colóquio de Royaumont em 1958, *Performatif-Constatif*.

Austin apresenta aí as linhas gerais desta teoria que já vinha desenvolvendo, segundo ele próprio, desde o início da década de 40 e que será finalmente elaborada em uma série de cursos intitulados *Words and Deeds*, ministrados na Universidade de Oxford no início da década de 50 e posteriormente em universidades americanas, e que constituem a substância de *How to do things with words* (cf. o "Prefácio" a esta obra). Trata-se precisamente de uma teoria sobre a natureza da linguagem enquanto uma forma de realizar atos: os atos de fala. Aqui não só se formula uma série de conceitos teóricos como *performativo*, *força ilocucionária*, etc., como também se procura estabelecer e classificar os diferentes tipos de atos de fala, buscando sua sistematização e assim propondo uma nova concepção de linguagem, seja quanto a sua estrutura, seja quanto a seu funcionamento.

Esta preocupação com uma redefinição de linguagem e com a maneira de considerá-la decorre explicitamente da idéia de que a elucidação filosófi-

ca de certos termos e expressões depende de um modelo teórico de linguagem que forneça os critérios para realizar esta análise e a elucidação pretendida. Não se trata, portanto, de uma ruptura com a proposta anterior de elucidação mediante a análise linguística, agora substituída por um interesse meramente teórico sobre a linguagem. Pelo contrário, trata-se da busca de uma forma mais eficaz e rigorosa de se realizar esta análise e esta elucidação, que agora passa a se fundamentar em uma teoria sobre a linguagem. Conseqüentemente, o objeto último continua sendo a aplicação destes conceitos teóricos sobre a linguagem à elucidação das questões surgidas no campo concreto da experiência e da atividade humanas, como afirma explicitamente a conclusão de *Quando dizer é fazer. Palavras e ação*.

Como de costume, não me sobrou o tempo suficiente para mostrar qual o interesse de tudo isto que acabo de dizer. Darei, porém, um exemplo. De há muito, os filósofos têm demonstrado interesse pela palavra "bom" e, recentemente, se interessaram pelo modo como a usamos e pelos fins para que a empregamos. Já se sugeriu, por exemplo, que a usemos para expressar aprovação, para recomendar ou ainda para qualificar. Mas nunca chegaremos a uma idéia clara sobre a palavra "bom" e sobre para que a usamos até que tenhamos, de forma satisfatória, levantado a relação completa dos atos ilocucionários dos quais recomendar, qualificar, etc. seriam espécimes isolados; até que saibamos quantos destes atos existem e de que forma se inter-relacionam. Isto seria um exemplo de aplicação possível de uma teoria geral do tipo que acabamos de considerar; sem dúvida haveria muitas outras. Intencionalmente deixei de fora da teoria geral problemas filosóficos — alguns dos quais tão complexos que chegam a merecer sua celebridade. Isto não significa que não tenha consciência da existência desses problemas. E claro que tudo isto é um tanto cansativo e árido para se ouvir e assimilar; mas não tanto quanto o foi conceber e redigir a teoria. Mas seu verdadeiro interesse começa quando passamos a aplicá-la à filosofia.

Austin, 1975, pp. 163-4

*Quando dizer é fazer. Palavras e ação* é, portanto, uma obra inovadora e que abre novas perspectivas em filosofia da linguagem para novas investigações pelo estabelecimento de elementos teóricos que desenvolvidos, muitas vezes criticamente, por autores como P. F. Strawson, H. P. Grice e, principalmente, J. R. Searle, deram origem à teoria dos atos de fala. Suas impli-

cações, repercussão e interesse percorrem, como anteviu Austin, todos os domínios da filosofia, bem como de áreas afins, como a lingüística, a psicologia, a antropologia, etc.

O texto de Austin apresenta ao tradutor duas dificuldades básicas, raramente encontradas ao mesmo tempo em um mesmo texto. Em primeiro lugar, trata-se de um texto em linguagem coloquial, idiomático e fluente, exatamente na medida em que é derivado de conferências proferidas por Austin na Universidade de Harvard. Fica assim óbvio seu propósito de servir mais à exposição oral do que à leitura. Por outro lado, por se tratar de uma obra original e polêmica, o texto contém um conjunto de termos técnicos, conceitos teóricos e mesmo neologismos, cunhados pelo autor, de importância fundamental para os objetivos a que se propõe, mas de difícil adaptação para nosso idioma. Não desejo com estas ressalvas eximir-me da responsabilidade pelas eventuais falhas que todo tradutor inevitavelmente comete, mas apenas indicar as dificuldades inerentes ao texto, para que o leitor as tenha em mente durante sua leitura. Finalmente, procurei sempre, na medida do possível, conservar os traços característicos do estilo coloquial de Austin, adaptando para o português, quando isto se impunha, seus exemplos e as expressões idiomáticas utilizadas. Quanto aos termos técnicos introduzidos por Austin e aos conceitos teóricos de que lança mão, procurei torná-los mais claros ao leitor que se inicia através de notas explicativas, para fazer com que o texto seja mais acessível.

Por fim, não poderia deixar de agradecer ao Prof. Paulo Alcoforado, da UFRJ, as inúmeras sugestões feitas a este trabalho de tradução, além do muito que me ensinou sobre a difícil arte de traduzir.

#### BIBLIOGRAFIA DE J. L. AUSTIN

*Philosophical Papers*, organizado por G. J. Warnock e J. O. Urmson, Oxford, Clarendon Press, 3ª ed. ampliada em 1979.

Contém os seguintes trabalhos:

- "Agathon and Eudaimonia in the Ethics of Aristotle". Escrito na década de 30, também publicado em J. M. E. Moravcsik (org.) *Aristotle*, Londres, Macmillan, 1968, pp. 261-296.
- "Are there A Priori Concepts?", inicialmente publicado em *Proceedings of the Aristotelian Society*, XII, 1939, pp. 83-105.
- "The Meaning of a Word", trabalho apresentado em 1940 ao Moral Sciences Club de Cambridge e a Jowett Society de Oxford.

"Other Minds", inicialmente publicado em *Proceedings of the Aristotelian Society*, sup. vol. XX, 1946, pp. 148-187. Traduzido para o português por Marcelo Guimarães Da Silva Lima e publicado no vol. LII da col. *Os pensadores*, S. Paulo, Abril, 1975, 1ª ed.

"Truth", publicado inicialmente em *Proceedings of the Aristotelian Society*, sup. vol. XXIV, 1950, pp. 111-128.

"Unfair to Facts", trabalho apresentado em 1954 na Philosophical Society de Oxford.

"How to Talk - Some Simple Ways", inicialmente publicado em *Proceedings of the Aristotelian Society*, LIII, 1953-4, pp. 227-246.

"Performative Utterances", trabalho apresentado em 1956 em programa radiofônico da BBC.

"A Plea for Excuses", publicado inicialmente em *Proceedings of the Aristotelian Society*, LVII, 1956-7, pp. 1-30.

"Ifs and Cans", publicado inicialmente em *Proceedings of the British Academy*, XLII, 1956, pp. 109-132.

"Pretending", publicado inicialmente em *Proceedings of the Aristotelian Society*, sup. vol. XXXII, 1958, pp. 261-278.

"Three Ways of Spilling Ink", conferência em 1958 na American Society of Political and Legal Philosophy. Também publicado em *The Philosophical Review*, 75, 1966, pp. 427-440.

"The Line and the Cave in Plato's Republic", reconstruído a partir de notas por J. O. Urmson, incluído na 3ª ed.

*Sense and Sensibilia*, ed. por G. J. Warnock, Oxford, Clarendon Press, 1962.

*How to do Things with Words*, ed. por J. O. Urmson, Oxford, Clarendon Press, 1962. 2ª ed. preparada por J. O. Urmson e M. S. Sbisà, Oxford, Clarendon Press, 1975.

*The Foundations of Arithmetic*, Oxford, Blackwell, 1953. Tradução para o inglês da obra de G. Frege: *Die Grundlagen der Arithmetik*, 1884.

"Critical Notice on J. Lukasiewicz's Aristotle's Syllogistic: From the Standpoint of Modern Formal Logic", *Mind*, 61, 1952, pp. 395-404.

"Report on Analysis Problem nº 1: What sort of 'if' is the 'if' of 'I can if I choose'?", *Analysis*, 12, 1952, pp. 125-126.

"Report on Analysis Problem nº 12: 'All Swans are white or black'. Does this Refer to Swans on Canals on Mars?", *Analysis*, 18, 1958, pp. 97-99.

"Performatif-Constatif", trabalho apresentado em 1958 no Colóquio de Royaumont. Publicado em *La Philosophie Analytique*, Paris. Cahiers de Royaumont, Minuit, 1963, pp. 271-304.

## BIBLIOGRAFIA SOBRE AUSTIN E A TEORIA DOS ATOS DE FALA\*

- BERLIN, I. et al. *Essays on J. L. Austin*, Oxford, Clarendon Press, 1973.
- FANN, K. T. (org.) *Symposium on J. L. Austin*, Londres, Routledge & K. Paul, 1969.
- FELMAN, S. *Le Scandale du Corps Parlant: Don Juan avec Austin ou La Séduction en deux Langues*, Paris, Seuil, 1980.
- FURBERG, M. *Saying and Meaning: A Main Theme in J. L. Austin's Philosophy*, 2ª ed. Oxford, Blackwell, 1971.
- GRAHAM, K. J. *L. Austin: A Critique of Ordinary Language Philosophy*, Hassocks, Sussex, The Harvester Press, 1977.
- HOLDCROFT, D. *Words and Deeds: Problems in the Theory of Speech Acts*, Oxford Univ. Press, 1978.
- LANIGAN, R. L. *Speech Act Phenomenology*, Haia, Martinus Nijhoff, 1977.
- MARCONDES DE SOUZA Fº, D. *Language and Action: A Reassessment of Speech Act Theory*, Amsterdam, J. Benjamins, 1984.
- RÉCANATI, F. *Les Énoncés Performatifs*, Paris, Minuit, 1981.
- RORTY, R. (org.) *The Linguistic Turn*, Univ. of Chicago Press, 1967, principalmente os artigos de J. O. Urmson, "J. L. Austin", pp. 232-238; S. Hampshire, "J. L. Austin", pp. 239-247; J. O. Urmson e G. J. Warnock, "J. L. Austin", pp. 248-249; e S. Cavell, "Austin at Criticism" pp. 250-260.
- SEARLE, J. R. *Speech Acts*, Cambridge Univ. Press, 1969.

## NOTA BIOGRÁFICA

John Langshaw Austin nasceu em 1911 em Lancaster, Inglaterra, e faleceu em 1960. Era casado e teve dois casais de filhos. Estudou Letras Clássicas no Balliol College da Universidade de Oxford, onde sofreu a influência do filósofo H. A. Prichard. Tomou-se *fellow* do All Souls College da Uni-

\* Trata-se apenas de uma relação de algumas das principais obras sobre Austin e a Teoria dos Atos de Fala. A bibliografia nesta área é imensa, sobretudo no que diz respeito a artigos em periódicos especializados; remetemos o leitor às referências bibliográficas encontradas nas próprias obras relacionadas acima.

versidade de Oxford, em 1933, e em 1935 do Magdalen College. A partir de 1952 ocupou a cátedra "White" de Filosofia Moral nessa universidade. Durante a Segunda Guerra Mundial fez parte do Serviço de Informações do Exército Britânico, chegando ao posto de tenente-coronel e recebendo várias condecorações. Em 1955 apresentou as *Conferências William James* na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, que deram origem à presente obra, e entre 1958 e 1959 apresentou uma série de conferências na Universidade da Califórnia, em Berkeley, posteriormente publicadas como *Sense and Sensibilia*.

Austin exerceu grande influência em Oxford em seu tempo, sendo famosos os seminários informais que realizava na universidade com alguns de seus colegas, quando utilizavam o método de análise lingüística na discussão de problemas filosóficos. Este grupo incluía, dentre outros, P. F. Strawson, H. P. Grice, S. Hampshire, J. O. Urmson, G. J. Warnock, dando origem à chamada *Escola de Oxford*, embora a rigor não se possa dizer que constituíssem uma "escola" filosófica.